



Juventude, Tecnologia e Espaços Urbanos: Uma Experiência de Internacionalização “Spring School Youth” na Puc Minas

Fabyolla L. Macêdo de Castro¹

Luciana Kind²

RESUMO: Este trabalho apresenta um relato de experiência da Spring School YOUTH, realizada na PUC Minas em parceria com instituições internacionais. A atividade reuniu pesquisadores e estudantes para discutir juventude, espaços urbanos e tecnologia. A partir de análise comparativa entre Brasil e Israel, evidenciam-se diferentes formas de engajamento juvenil: no Brasil, com foco em redes feministas digitais; em Israel, nas questões de identidade e segurança. A experiência destaca a relevância da interdisciplinaridade, da internacionalização e do acesso às tecnologias para a participação juvenil.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude. Espaços urbanos. Tecnologia. Participação juvenil. Internacionalização.

ABSTRACT: This paper presents an experience report based on the Spring School YOUTH, held at PUC Minas in partnership with international institutions. The program brought together researchers and students to discuss youth, urban spaces, and technology. Through a comparative analysis between Brazil and Israel, different forms of youth engagement are highlighted: in Brazil, through feminist digital networks; in Israel, through issues of identity and security. The experience emphasizes the importance of interdisciplinarity, internationalization, and access to digital technologies for youth participation.

KEYWORDS: Youth. Urban spaces. Technology. Youth participation. Internationalization.

INTRODUÇÃO

A internacionalização da educação superior tem sido uma estratégia crescente para ampliar a formação de pesquisadores e fortalecer a produção científica globalmente. (CAPES, 2024). Segundo a CAPES (2023), “a expansão do Sistema Nacional de Pós-Graduação com qualidade também passa pelo seu nível de internacionalização, especialmente através de relações de cooperação internacional.” Nesse contexto, a experiência vivida na Spring School YOUTH, realizada na PUC Minas em junho de 2024 e em Viena, Áustria, emergiu como uma oportunidade de crescimento na minha trajetória como doutoranda em Psicologia. Esta iniciativa,

1 Doutoranda de Psicologia PPGPsi PUC Minas. E-mail: fabyollamacedo@gmail.com.

2 Docente Fapsi e PPGPsi PUC Minas. E-mail: Luciana Kind lukind@gmail.com

desenvolvida em parceria com instituições de ensino de Viena e Tel Aviv, ofereceu um ambiente propício para a troca interdisciplinar e transnacional de conhecimentos, com foco específico na temática de interações entre juventude, espaços urbanos e tecnologia.

Este relato de experiência visa compartilhar os principais aprendizados e reflexões que surgiram durante a participação no projeto, destacando como as práticas juvenis de apropriação dos espaços urbanos, mediadas por tecnologias digitais, configuram novos modos de expressão política e cultural. A análise comparativa entre o Brasil e Israel, por exemplo, que realizei a partir das trocas com pesquisadores durante as atividades da Spring School, permitiu explorar como jovens de diferentes contextos socioculturais utilizam a cidade e as plataformas digitais como palcos de resistência, política e transformação social.

Ao longo deste relato, serão discutidos os desafios enfrentados durante o processo de internacionalização e as contribuições acadêmicas proporcionadas por essa experiência, que ampliaram não apenas a compreensão teórica, mas também as competências analíticas e metodológicas essenciais para a continuidade da minha pesquisa doutoral. A vivência proporcionada pela Spring School YOUTH demonstrou-se fundamental para possibilitar análises críticas das relações entre juventude, espaços urbanos e tecnologia, contribuindo para o desenvolvimento de novas perspectivas sobre as práticas juvenis em contextos de precarização social.

1 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A participação na Spring School YOUTH, realizada na PUC Minas em parceria com instituições de Viena e Tel Aviv, proporcionou uma experiência rica e diferencial, tanto no âmbito acadêmico quanto pessoal. Este projeto de internacionalização reuniu pesquisadores e estudantes de diferentes disciplinas e países, todos focados no estudo da juventude, dos espaços urbanos e da tecnologia. A imersão em um ambiente tão diversificado e interdisciplinar possibilitou uma troca de conhecimentos e perspectivas que ampliou significativamente a compreensão dos temas abordados.

Durante a Spring School, fui exposta a uma variedade de metodologias e abordagens teóricas, que me permitiram aprofundar a análise crítica das práticas juvenis em contextos urbanos. As discussões foram pautadas em pesquisas contemporâneas sobre juventude, espaços urbanos e tecnologia sob distintas perspectivas e área, assim como por uma rede de pesquisadores de diferentes partes do mundo. Destaco a oportunidade que tive de realizar uma comparação analítica crítica a partir da pesquisa sobre “Subjetivações políticas em trajetórias de jovens feministas” no Brasil e Moçambique, da minha orientadora Luciana **Kind (2018)**, e a investigação de **Zaban & Cohen (2023)** sobre o engajamento político de jovens em Israel. A oportunidade de comparar e contrastar essas realidades proporcionou uma visão mais ampla e nuançada dos desafios e das oportunidades enfrentadas pelos jovens em diferentes contextos sociopolíticos.

A experiência foi enriquecida pelas variadas metodologias de pesquisa apresentadas, que se mostrou particularmente eficaz para captar as complexidades das histórias vividas pelos jovens em suas respectivas realidades urbanas. Essas distintas abordagens permitiram explorar

não apenas os eventos e ações dos jovens, mas também as significações e os sentidos atribuídos por eles a essas experiências, revelando as múltiplas camadas de subjetividade envolvidas no processo de engajamento político.

Outro aspecto relevante da experiência foi a oportunidade de trabalhar em um ambiente interdisciplinar e internacional online e offline. A interação com pesquisadores de diferentes áreas, como Psicologia, Educação, Ciências Sociais, Arquitetura e Geografia, possibilitou a construção de um entendimento mais integrado dos temas complexos em discussão. Além disso, a diversidade cultural dos participantes trouxe à tona diferentes perspectivas sobre juventude e urbanidade, enriquecendo ainda mais as reflexões e os debates.

A Spring School também foi um espaço para o desenvolvimento de habilidades acadêmicas, científicas, profissionais e pessoais, como a capacidade de articular ideias complexas em outra língua (inglês) e a adaptação a novos ambientes culturais e acadêmicos. A convivência com colegas e professores de outras nacionalidades e disciplinas incentivou a criação de redes de colaboração que certamente terão impactos duradouros na minha trajetória acadêmica.

2 INTERNACIONALIZAÇÃO E AS CONTRIBUIÇÕES ACADÊMICAS: UMA PERSPECTIVA NARRATIVA

A participação na Spring School YOUTH, realizada na PUC Minas, em junho de 2024, representou uma oportunidade única de internacionalização que transcendeu as fronteiras geográficas e acadêmicas, proporcionando uma rica experiência de imersão em um ambiente de colaboração interdisciplinar, redes de pesquisadores e transnacional. A internacionalização, neste contexto, não se limitou à troca de conhecimentos técnicos e teóricos entre pesquisadores de diferentes países, mas incluiu uma profunda reflexão sobre a construção de narrativas que moldam a compreensão da juventude, dos espaços urbanos e do uso da tecnologia como ferramentas de transformação social.

No âmbito das narrativas, a experiência foi enriquecedora ao permitir uma análise crítica sobre como as histórias dos jovens em diferentes contextos socioculturais são articuladas, contadas e reinterpretadas. Como Gubrium e Holstein (2009) destacam, a “realidade narrativa” envolve não apenas os textos e histórias em si, mas também os contextos em que essas narrativas são elaboradas e como elas são recebidas e interpretadas (Gubrium e Holstein, 2009, p.22). Nesse sentido, a Spring School proporcionou um espaço para a exploração dessas narrativas, tanto no Brasil quanto em Israel, ampliando a compreensão sobre como os jovens utilizam as tecnologias digitais e os espaços urbanos como arenas para a construção de identidade e resistência.

A experiência no Spring School também contribuiu significativamente para a minha formação acadêmica, oferecendo novas ferramentas metodológicas e analíticas que enriqueceram meu percurso de pesquisa. A interdisciplinaridade, um dos pilares do programa, foi essencial para desenvolver uma visão mais abrangente e integrada dos desafios enfrentados pelos jovens em contextos de precarização social. Além disso, a interação com pesquisadores internacionais trouxe à tona a importância de considerar as práticas juvenis em uma perspectiva comparativa,

identificando semelhanças e diferenças nas formas como os jovens de diferentes culturas se apropriam dos espaços urbanos e das tecnologias digitais para expressar suas demandas e resistências.

Essas reflexões alinham-se com a abordagem narrativa, que sugere que as experiências humanas são construídas e compreendidas através de experiências e contextos, assim como elas são moldadas pelo contexto social e cultural em que são contadas (Polkinghorne, 1988). A Spring School YOUTH, ao proporcionar um ambiente de troca e reflexão crítica, facilitou a criação de novas narrativas que não só contribuem para a minha pesquisa, mas também têm o potencial de influenciar políticas públicas e práticas sociais relacionadas à juventude e aos espaços urbanos.

Essa experiência ressaltou a importância de considerar o papel da experiência³ na construção do conhecimento acadêmico, particularmente no campo das ciências humanas, onde as histórias individuais e coletivas desempenham um papel crucial na compreensão das dinâmicas sociais e culturais. A internacionalização, nesse sentido, não apenas amplia os horizontes acadêmicos, mas também enriquece as narrativas que emergem dessas interações, oferecendo novas perspectivas e aprofundando a análise crítica das questões contemporâneas que afetam a juventude em um mundo cada vez mais interconectado.

3 A SPRING SCHOOL YOUTH: DISCUSSÕES SOBRE JUVENTUDE, ESPAÇOS URBANOS E TECNOLOGIA

Na Spring School YOUTH, as discussões foram conduzidas com base em investigações acadêmicas realizadas em diversas áreas do conhecimento e regiões geográficas, incluindo Belo Horizonte, na PUC Minas, envolvendo docentes dos programas de pós-graduação em Psicologia, Educação, Ciências Sociais, Arquitetura e Geografia, bem como em Viena, com pesquisadores de distintas áreas também e de diversas partes do mundo, todos convergindo em torno do eixo temático Juventude, Espaços Urbanos e Tecnologia.

3 A partir do texto de Vera Caine sobre “Narrative Inquiry” (2021) podemos sintetizar o conceito de experiência como algo intrinsecamente relacionado à vida, em que as experiências não são eventos isolados, mas contínuos, evoluindo e sendo constantemente remodelados pelas interações com o ambiente e com outras pessoas. A experiência é vista como uma fonte de conhecimento que é viva, fluida e em constante transformação. Dewey, um dos principais filósofos mencionados, argumenta que a experiência ocorre continuamente e que sua qualidade é determinada pela interação entre o indivíduo e seu ambiente, bem como pela continuidade de experiências passadas que influenciam as futuras.

Nesse sentido, a internacionalização pode ser concebida como uma experiência transformadora, que não só amplia os horizontes acadêmicos, mas também contribui para o desenvolvimento pessoal e profissional, influenciando a maneira como os indivíduos percebem e interagem com o mundo ao seu redor. A participação em programas de internacionalização, como o Spring School YOUTH, exemplifica essa concepção ao proporcionar não apenas uma troca de conhecimentos entre diferentes culturas e contextos, mas também uma profunda reflexão sobre como essas experiências moldam nossas narrativas pessoais e profissionais. Através da internacionalização, vivências e conhecimentos são continuamente reavaliados e incorporados em novas práticas e perspectivas, evidenciando a natureza dinâmica e contínua da experiência.

A relação entre juventude, espaços urbanos e tecnologia tem se tornado um campo de estudo cada vez mais relevante nas ciências humanas, especialmente em contextos de crescente urbanização e digitalização. As cidades, com suas dinâmicas sociais complexas, e as tecnologias digitais, com sua capacidade de conectar e amplificar vozes, oferecem aos jovens novas formas de expressar suas subjetividades, reivindicar seus direitos e engajar-se em ações políticas e culturais.

Durante a Spring School YOUTH na PUC Minas, exploramos como os jovens, em diferentes contextos culturais, utilizam os espaços urbanos e as tecnologias digitais como plataformas para construir e disseminar suas narrativas. Esses espaços não são apenas físicos, mas também simbólicos, configurando-se como arenas onde identidades são negociadas e resistências são articuladas. Conforme discutido em Gubrium e Holstein (2009), as narrativas juvenis são moldadas tanto pelos contextos urbanos quanto pelas tecnologias que mediam essas.

No Brasil, especialmente em cidades marcadas pela desigualdade social, os jovens das periferias enfrentam desafios significativos, como a violência, a falta de acesso a recursos e a exclusão social. No entanto, eles também encontram nesses espaços oportunidades para a criação de novas formas de engajamento e resistência. A cidade se torna, então, um palco onde práticas culturais e políticas são performadas, e as tecnologias digitais funcionam como catalisadores dessas práticas, permitindo que as vozes juvenis alcancem audiências mais amplas.

A experiência no Spring School YOUTH proporcionou uma análise comparativa entre a realidade dos jovens brasileiros (Kind, 2018) e israelenses (Zaban & Cohen, 2023) destacando como os contextos socioculturais influenciam a maneira como a juventude se apropria dos espaços urbanos e das tecnologias. No Brasil (Kind, 2018), observou-se que as tecnologias digitais são frequentemente utilizadas como ferramentas de sobrevivência e resistência, enquanto em Israel, elas são vistas como meios de inovação e transformação social.

A tecnologia, nesse contexto, não é apenas um meio de comunicação, mas um instrumento de poder e agência. Ela possibilita a criação de redes de solidariedade, a organização de movimentos sociais e a disseminação de narrativas que questionam as estruturas de poder estabelecidas. A capacidade dos jovens de se apropriarem desses recursos tecnológicos e urbanos para articular suas demandas e identidades revela a importância de entender a juventude como um agente ativo de transformação social.

Essa análise foi enriquecida pela metodologia de realidade narrada (Caine; Clandinin; Lessard, 2021), que permitiu compreender as histórias vividas pelos jovens em seus contextos específicos e como essas histórias são contadas e reinterpretadas no ambiente urbano e digital. Como aponta Caine (2021), a narrativa é uma forma poderosa de captar as complexidades da experiência humana, especialmente em contextos de transformação social.

Portanto, o estudo das relações entre juventude, espaços urbanos e tecnologia não apenas amplia nosso entendimento sobre as práticas juvenis, mas também revela as potencialidades

desses jovens como protagonistas na construção de novas formas de viver e experienciar a cidade e a sociedade digital.

4 SUBJETIVAÇÃO POLÍTICA EM CONTEXTOS DE RESISTÊNCIA: UM DIÁLOGO ENTRE JOVENS NO BRASIL E ISRAEL

A subjetivação política de jovens em diferentes contextos culturais e geográficos revela as diversas formas de engajamento e resistência que emergem em resposta às particularidades socioeconômicas e culturais de cada país. Para realizar essa análise, comparamos as pesquisas realizadas no Brasil por Kind (2018), que explora a subjetivação política de jovens feministas, com o estudo de Zaban & Cohen (2023) em Israel, que investiga o engajamento político de jovens em meio a conflitos sociopolíticos.

Kind (2018) foca na subjetivação política de jovens feministas em contextos urbanos no Brasil, analisando como as práticas e discursos feministas emergem como formas de resistência e construção de identidades políticas. O estudo de Kind mostra que, em um ambiente marcado por desigualdades sociais e violência de gênero, as jovens feministas utilizam os espaços urbanos e as tecnologias digitais para criar redes de apoio e solidariedade, promovendo o ativismo e a conscientização sobre questões de gênero. A pesquisa destaca como a subjetivação política dessas jovens é moldada pela interseccionalidade, onde gênero, classe e raça se entrelaçam, influenciando suas formas de engajamento e resistência.

A apropriação dos espaços urbanos por essas jovens é vista como um ato de reivindicação de direitos e de contestação às estruturas patriarcais presentes na sociedade brasileira. As tecnologias digitais, por sua vez, são utilizadas como ferramentas essenciais para a articulação de movimentos feministas, permitindo a organização de protestos, campanhas de sensibilização e a disseminação de narrativas que desafiam as normas tradicionais de gênero. Nesse sentido, a subjetivação política dessas jovens feministas é profundamente influenciada pelo contexto urbano e pelas possibilidades oferecidas pelas plataformas digitais, criando um novo campo de ação política que transcende os limites físicos da cidade.

Por outro lado, a pesquisa de Zaban & Cohen (2023) em Israel analisa o engajamento político de jovens em um contexto de conflito contínuo, onde as questões de segurança, identidade nacional e políticas de Estado desempenham um papel central na formação da subjetividade política. Zaban & Cohen (2023) exploram como os jovens israelenses, particularmente aqueles envolvidos em movimentos políticos e sociais, constroem suas identidades políticas em resposta às complexas dinâmicas de poder e resistência presentes na sociedade israelense.

Os jovens em Israel, segundo Zaban & Cohen (2023), experimentam um tipo diferente de subjetivação política, onde o engajamento é frequentemente mediado pelo contexto de conflito e pela necessidade de navegar entre as expectativas do Estado e os movimentos sociais que buscam alternativas ao status quo. Ao contrário do foco feminista observado na pesquisa brasileira, os jovens em Israel estão mais diretamente envolvidos em questões de identidade nacional, segurança e direitos civis, utilizando os espaços urbanos e as tecnologias digitais não apenas

como plataformas de resistência, mas também como meios para articular visões alternativas de coexistência e paz.

Ao comparar as pesquisas de Kind (2018) e Zaban & Cohen (2023), podemos observar como o contexto socioeconômico e político influencia significativamente a subjetivação política dos jovens. No Brasil, a subjetivação política das jovens feministas é profundamente moldada pelas dinâmicas de gênero, onde a luta contra o patriarcado e a violência de gênero ocupa um lugar central nas práticas de resistência e engajamento. Em contraste, em Israel, o contexto de conflito e a centralidade das questões de identidade nacional moldam uma subjetivação política que é fortemente influenciada pelas dinâmicas de segurança e pelas relações de poder entre diferentes grupos étnicos e religiosos.

Além disso, enquanto no Brasil as tecnologias digitais são vistas como ferramentas para a mobilização feminista e a criação de redes de solidariedade, em Israel, essas mesmas tecnologias são utilizadas tanto para a resistência quanto para a promoção de narrativas de paz e coexistência. Essa diferença destaca como as mesmas ferramentas podem ser apropriadas de maneiras distintas, dependendo do contexto cultural e político.

Portanto, a análise crítica dessas pesquisas revela que a subjetivação política de jovens é um processo multifacetado e profundamente enraizado no contexto específico em que ocorre. As práticas de resistência e engajamento, bem como o uso dos espaços urbanos e das tecnologias digitais, variam significativamente entre o Brasil e Israel, refletindo as diferentes realidades sociais, políticas e culturais enfrentadas pelos jovens nesses dois países.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A experiência vivida na Spring School YOUTH resultou em uma série de insights valiosos sobre a intersecção entre juventude, espaços urbanos e tecnologia. A imersão em um ambiente internacional e interdisciplinar permitiu uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas que moldam a subjetivação política dos jovens em diferentes contextos socioculturais. Observou-se que, tanto no Brasil quanto em Israel, os jovens utilizam os espaços urbanos e as tecnologias digitais como ferramentas essenciais para a construção de identidades políticas e para a organização de movimentos sociais. Essa descoberta confirma a importância dos espaços físicos e digitais como arenas cruciais para a expressão e a mobilização juvenil.

No entanto, a experiência também revelou diferenças significativas na forma como esses elementos são apropriados pelos jovens em cada contexto. No Brasil, as jovens feministas demonstram uma clara utilização das tecnologias digitais como meios de resistência e criação de redes de solidariedade, enquanto em Israel, as questões de identidade nacional e segurança emergem como fatores predominantes na subjetivação política. Essas diferenças destacam a importância de considerar as especificidades culturais e políticas ao analisar o engajamento juvenil.

A Spring School YOUTH proporcionou vários aprendizados essenciais. Primeiramente, a experiência destacou a importância da interdisciplinaridade na análise de questões complexas

como juventude, espaços urbanos e tecnologia. Ao trabalhar com pesquisadores de diferentes áreas, foi possível integrar perspectivas diversas, o que enriqueceu a compreensão dos fenômenos estudados. Além disso, a troca internacional de conhecimentos permitiu identificar como contextos socioculturais distintos influenciam as práticas juvenis, oferecendo uma visão comparativa que ampliou os horizontes teóricos e metodológicos da pesquisa.

Outro aprendizado significativo foi a constatação do papel central das tecnologias digitais na mobilização e articulação política dos jovens. As plataformas digitais emergem não apenas como meios de comunicação, mas como espaços de resistência e construção de identidades, o que reforça a necessidade de uma compreensão crítica e contextualizada dessas ferramentas na análise das práticas juvenis.

Os resultados obtidos durante a Spring School YOUTH estão alinhados com a literatura existente sobre subjetivação política e práticas juvenis. Kind (2018), por exemplo, argumenta que a interseccionalidade é um elemento-chave na subjetivação política das jovens feministas no Brasil, um achado que foi corroborado pela experiência vivida durante o projeto. Da mesma forma, Zaban & Cohen (2023) ressaltam a influência do contexto de conflito na subjetivação política dos jovens em Israel, o que também foi observado durante as discussões na Spring School.

Esses achados reforçam as conclusões de autores como Livingstone, Stoilova e Nandagiri (2021), que enfatizam o papel das tecnologias digitais na amplificação das vozes juvenis e na facilitação de práticas de resistência. A experiência da Spring School contribuiu para a confirmação dessas teorias, oferecendo evidências empíricas que ilustram como essas dinâmicas ocorrem em contextos específicos.

As implicações da experiência na Spring School YOUTH são significativas tanto para a prática quanto para a teoria e a política. Do ponto de vista prático, os insights obtidos podem informar a criação de programas e políticas públicas voltadas para a juventude, que considerem as especificidades dos contextos socioculturais e as potencialidades das tecnologias digitais como ferramentas de empoderamento e mobilização.

Teoricamente, a experiência contribui para a ampliação do entendimento sobre a subjetivação política juvenil, evidenciando a necessidade de abordagens interseccionais e contextualmente situadas. A integração de perspectivas comparativas entre diferentes países enriquece o campo de estudo, sugerindo novas direções para pesquisas futuras que explorem a interseção entre juventude, urbanidade e tecnologia.

Em termos de política, os resultados apontam para a importância de promover políticas públicas que incentivem a participação juvenil e reconheçam o papel central das tecnologias digitais na vida dos jovens. Além disso, a experiência ressalta a necessidade de políticas que garantam o acesso equitativo às tecnologias, permitindo que todos os jovens possam participar ativamente da construção de suas identidades políticas e da sociedade em que vivem.

Assim, a experiência na Spring School YOUTH proporcionou uma compreensão mais profunda e integrada dos desafios e oportunidades enfrentados pelos jovens em diferentes

contextos, oferecendo valiosos entendimentos que podem orientar futuras pesquisas e políticas voltadas para o engajamento juvenil em ambientes urbanos e digitais.

CONSIDERAÇÃOSE FINAIS

A participação na Spring School YOUTH foi uma experiência transformadora que proporcionou uma compreensão aprofundada e comparativa das dinâmicas de subjetivação política de jovens em diferentes contextos socioculturais. Ao analisar as interações entre juventude, espaços urbanos e tecnologia, a experiência revelou a complexidade e a diversidade das práticas juvenis, evidenciando como esses elementos se entrelaçam para moldar identidades e formas de resistência.

As discussões realizadas durante a Spring School, fundamentadas em pesquisas contemporâneas do Brasil e de Israel, demonstraram que, embora os jovens de diferentes partes do mundo enfrentem desafios específicos, há uma convergência na maneira como utilizam os espaços urbanos e as tecnologias digitais como arenas de expressão e transformação social. No Brasil, a luta das jovens feministas contra o patriarcado e a violência de gênero, e em Israel, o engajamento dos jovens em questões de identidade nacional e segurança, destacam as múltiplas formas de subjetivação política que emergem em resposta a contextos locais.

Essa experiência também sublinhou a importância da interdisciplinaridade e da internacionalização na pesquisa acadêmica. A colaboração com pesquisadores de diversas áreas e culturas enriqueceu as discussões e possibilitou a construção de um conhecimento mais abrangente e integrado sobre as questões analisadas. Além disso, a utilização da metodologia de inquérito narrativo permitiu captar as nuances das experiências vividas pelos jovens, contribuindo para uma análise mais profunda e contextualizada.

As implicações desta experiência são amplas, tanto para a prática quanto para a teoria e a formulação de políticas públicas. Os resultados obtidos destacam a necessidade de políticas que promovam a participação ativa dos jovens e garantam o acesso equitativo às tecnologias digitais, reconhecendo seu papel central na construção de identidades políticas e na mobilização social. Teoricamente, a experiência contribui para o avanço do campo de estudo da subjetivação política juvenil, sugerindo novas direções para pesquisas futuras que explorem as interseções entre juventude, urbanidade e tecnologia.

Dessa forma, a Spring School YOUTH não apenas ampliou os horizontes acadêmicos e metodológicos, mas também apresentou a importância de considerar as especificidades culturais e contextuais ao analisar as práticas juvenis. Os aprendizados e reflexões obtidos durante essa experiência continuarão a influenciar e orientar futuras pesquisas e intervenções voltadas para o empoderamento juvenil e a transformação social em contextos urbanos e digitais.

REFERÊNCIAS

- BENEDICTO, R.; CARRANO, P. *Juventude e contemporaneidade: dilemas e possibilidades*. Revista Brasileira de Educação, v. 25, e250050, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782020250050>.
- CAINE, V; CLANDININ, D.J.; LESSARD, S. *Narrative Inquiry: Philosophical Roots*. Editora Bloomsbury Academic, 2021, 264p.
- COULDRY, N.; MEJIAS, U. A. *The Costs of Connection: How Data Is Colonizing Human Life and Appropriating It for Capitalism*. Stanford: Stanford University Press, 2019.
- GÓMEZ-PÉREZ, M.; OLIVEIRA, L.; ROMÃO, R. Engajamento juvenil e plataformas digitais: um estudo sobre a juventude brasileira em tempos de crise. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, v. 15, n. 3, p. e020022, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.29397/reciis.v15i3.2427>.
- HEIDEMAN, E. Youth and political activism in the digital age: A critical analysis. *Journal of Youth Studies*, v. 22, n. 6, p. 764-778, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13676261.2019.1575346>.
- HERNÁNDEZ, R.; TATOMIR, A. The Urban Youth and Their Right to the City: An Analysis of Youth Engagement in Public Spaces. *Urban Studies*, v. 57, n. 8, p. 1725-1741, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0042098019862235>.
- JANSSON, A. *Mediated Urbanism: A Critical Analysis of New Media and Spatial Practices*. London: Routledge, 2020.
- KIND, L. *Subjetivação política em trajetória de jovens feministas*. Projeto de pesquisa apresentado à Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, PUC Minas. 2018.
- LIVINGSTONE, S.; STOILOVA, M.; NANDAGIRI, R. The Possibilities and Risks of Digital Technologies for Young People's Political Participation. *New Media & Society*, v. 23, n. 4, p. 1186-1202, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1461444820932547>.
- LOW, S. M.; IVESON, K. *Protesting Cities: Social Movements and Public Space*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2019.
- STEVENSON, D. Urban Citizenship and Youthful Engagement: Rethinking Public Spaces. *Journal of Urban Affairs*, v. 43, n. 5, p. 702-720, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/07352166.2020.1724563>.
- ZABAN, H.; COHEN, N. *Youth, Conflict, and Political Engagement in Israel: National Identity and Resistance in a Divided Society*. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

Artigo Submetido em 30.09.2025 e aprovado em 02.11.2025.

Fabyolla L. Macêdo de Castro: Doutora em Psicologia. Mestre em Psicologia (Intervenções Clínicas e Psicossociais) pela PUC Minas e especialista em Neurociências pela UFMG. Graduada em Psicologia pela PUC Minas. Realizou formação na Université Louis Pasteur (França). Docente da PUC Minas, com atuação na graduação e pós-graduação. Integra o grupo de pesquisa Narrativas, Gênero e Saúde (NaGeS/CNPq). Desenvolve pesquisas nas áreas de psicologia, saúde e educação, com enfoque interdisciplinar.

E-mail - fabyollamacedo@gmail.com

Luciana Kind: Pós-doutora em Psicologia Social (UFMG). Doutora em Saúde Coletiva pelo IMS/UERJ, com estágio doutoral no Instituto Max Planck (Alemanha). Mestre e graduada em Psicologia pela UFMG. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC Minas, onde atua também na coordenação. Líder do grupo

Narrativas, Gênero e Saúde (NaGeS/CNPq) e coordenadora de GT na ANPEPP. Possui experiência em Psicologia Social e Saúde Coletiva, com ênfase em saúde pública, gênero, violências e metodologias qualitativas.

Orcid - 0000-0002-0327-0722

E-mail - lukind@gmail.com

Endereço: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)
Avenida Dom José Gaspar, 500 - Bairro Coração Eucarístico - Belo Horizonte - MG
CEP: 30535-901 - Brasil

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores:

Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira (UFRGS)

Dra. Symaira Poliana (UFMG)

Dr. Flávio Munhoz Sofiati (UFG)

Me. Joilson Toledo (UERJ)

Dr. Mateo Ortiz (Pontifícia Universidade Javeriana/Colômbia)

Dr. Nilson Weisheimer (UFRB)

Dr. Sebastião Everton de Oliveira (FAJE)

Dra. Martha Gutiérrez (Pontifícia Universidade Javeriana/Colômbia)